



Polêmicas em torno do uso excessivo da internet por crianças, jovens e adultos



Isabel C. M. de Azevedo¹

CARR, N. **A geração superficial**: o que a Internet está fazendo com nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

Desde a publicação do original em inglês, em 2010, a obra *A geração superficial: o que a Internet está fazendo com nossos cérebros*, de Nicholas Carr, tem suscitado inúmeras reflexões acerca dos impactos do uso da internet nas aprendizagens e na estrutura cognitiva das pessoas na sociedade contemporânea. Antes mesmo de sua publicação em língua portuguesa, em 2011, já contávamos com uma excelente resenha, publicada na revista *Verso e Reverso*, mas uma nova abordagem é válida pela possibilidade de serem exploradas outras perspectivas da obra.

Tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, os temas discutidos no texto estimularam entrevistas com o autor e debates polêmicos, principalmente porque as posições apresentadas por Carr são controversas. Como o livro é o desdobramento de um primeiro ensaio (que perguntava se o Google está nos tornando estúpidos) publicado dois anos antes no *The Atlantic*, os interessados no assunto estavam ávidos por conhecer o aprofundamento que Nicholas Carr poderia realizar em um material de maior fôlego.

¹ Doutora em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, atualmente realiza a direção educacional da Rede de Colégios do Grupo Marista, com sede em Curitiba, PR, e-mail: icmazevedo@hotmail.com.

Saber se o uso intensivo da internet está inferindo na estrutura do cérebro e quais os efeitos da constante estimulação provocada pela navegação em diferentes sites, pelo manuseio de objetos digitais, pela interação virtual, etc. sobre a concentração, a memória, as relações interpessoais, entre outros aspectos, é algo que passou a interessar profissionais de diferentes áreas, entre elas educação, psicologia, marketing e administração. Carr procura investigar se estamos nos tornando mais superficiais na medida em que, no dia a dia, consumimos conteúdos divididos em parcelas que favoreçam um acesso rápido e mudamos continuamente nosso foco de atenção de uma atividade para outra, dada a diversidade de tarefas ou funções que desempenhamos.

Os dez capítulos – acrescidos de um prólogo, quatro digressões e um epílogo – apresentam, além de pesquisas realizadas em diferentes países, as experiências pessoais do autor como usuário da internet. O conjunto de pesquisas é o ponto de maior valor da obra, pois os dados coletados permitem outras reflexões por parte dos leitores.

Os dois primeiros capítulos, que antecedem a primeira digressão (acerca de duas concepções do funcionamento do cérebro na história da filosofia), apresentam a posição do autor que será defendida ao longo da obra sob diferentes perspectivas.

Embora não tenha escrito um manifesto antitecnologia, Carr logo discute os efeitos, nem sempre benéficos, do uso excessivo da internet. Logo no início, o autor afirma que, como apontava McLuhan, os meios não são meramente canais de informação, pois fornecem material para o pensamento ao mesmo tempo em que moldam o processo do pensamento (p. 19). Dessa forma, o rápido acesso a uma vastidão de informação favorece um número maior de conexões entre documentos, artefatos e pessoas, mas cada clique que damos na web marca uma paragem na nossa concentração e representa uma fonte de desvio da nossa atenção. Esse comportamento estaria nos tornando mais superficiais, uma vez que “a mente linear, calma, focada, sem distrações, está sendo expulsa por um novo tipo de mente que quer e precisa tornar e aquinhoar informação em surtos curtos, desconexos, frequentemente sobrepostos” (p. 23).

Segundo Carr, esse fato teria implicações muito maiores do que poderíamos imaginar inicialmente, posto que, para diferentes neurocientistas, entre os quais se destacam Merzenich e Pascual-Leone, a plasticidade do cérebro adulto já foi comprovada em experimentos variados e indica que as estruturas cerebrais mudam com as experiências, circunstâncias e necessidades (CARR, 2011, p. 49). O autor ainda acrescenta: “nossos modos de pensar, perceber e agir, agora sabemos, não são inteiramente determinados pelos nossos genes. Nem são inteiramente determinados pelas experiências da nossa infância. Nós os mudamos através do modo como vivemos” (p. 52-53).

Em termos práticos a neuroplasticidade significa que quanto mais nos habituamos a navegar, escanear e realizar mais de uma atividade ao mesmo tempo, mais nossos cérebros se acostumam a essas tarefas e passam a preferi-las ao invés de leitura intensiva e reflexão. Ao mudar nossa forma de consumir informações, a web muda nossa maneira de pensar. Pensando diferente, queremos consumir informações de modo diferente (ZAGO, 2010, p. 181)².

O terceiro e quarto capítulos aprofundam a influência de três ferramentas da inteligência no pensamento humano: os mapas, o relógio e a escrita, sendo que esta última é analisada, desde sua origem até os dias atuais, em mais de um capítulo.

O autor entende o mapa como um tipo de tecnologia que alterou a mente humana, por ser mais do que um meio de armazenamento e transmissão de informações e por se configurar como um substituto espacial e reduzido da realidade que estimula o pensamento abstrato do mais alto grau. Esse mecanismo definiu um modo particular de ver e de pensar e deu ao homem uma nova mente, capaz de uma maior compreensão (p. 65).

Do mesmo modo, o que o mapa representou para a percepção do espaço o relógio (mecânico) representou para a percepção do tempo. “A necessidade de um maior rigor da programação e da sincronização no trabalho, transporte, devoção e mesmo lazer forneceu o impulso para o rápido progresso da tecnologia do relógio”, fazendo que o tempo deixasse de ser um fluxo contínuo e cíclico para se tornar padronizado em unidades comuns a todos e em toda parte. A partir do século XIV, então, a humanidade tinha disponível “uma ferramenta quase universal para coordenar o intrincado funcionamento da sociedade urbana” (p. 67).

Outras tecnologias intelectuais afetaram o modo como agimos no mundo, mas o mapa e o relógio sugeriram novas metáforas para descrevermos os fenômenos naturais e provocaram transformações interiores da consciência (p. 78), por isso não podem ser considerados meros auxílios exteriores nas atividades cotidianas.

Na sequência, Carr analisa os efeitos da escrita e da leitura na modelagem do cérebro. Para o autor, a escrita liberou o conhecimento dos limites da memória individual e das estruturas padronizadas e rítmicas que apoiavam a memorização e recitação. Ao descrever os impactos da escrita e da leitura no desenvolvimento dos conhecimentos produzidos na filosofia, na história, na literatura, entre outras áreas do saber, Carr considera tais práticas sumamente valiosas e essenciais para a realização plena dos potenciais humanos e para a elevação da consciência (p. 86).

² ZAGO, Gabriela. Novos padrões de leitura, novas maneiras de pensar. **Verso e Reverso**, XXIV (57): 180-182, setembro-dezembro, 2010.

Ao reunir dados de pesquisa em torno das relações existentes entre os modos de ler e escrever e do desenvolvimento de regiões cerebrais e das mudanças produzidas pelo livro nos processos de leitura, escrita e pensamento, Carr constitui uma base sobre a qual passará a discutir os efeitos da tecnologização do mundo. A segunda digressão, que trata da invenção do Audion³ por Lee de Forest, indica quais recursos serviram de base para a criação dos transistores que permitiram a popularidade dos aparelhos eletrônicos e para nos inquietar ainda mais acerca das aplicações futuras da eletrônica.

No quinto capítulo, após apresentar como os computadores evoluíram desde a máquina de Turing (produzida em 1936) e como a *World Wide Web* progrediu, Carr começa a discutir sobre o número de horas gastas na internet em comparação com o tempo cada vez menor de dedicação à leitura de publicações impressas. O fato de as fronteiras entre as mídias se dissolverem à medida que a informação é digitalizada, apesar de não desaparecerem as antigas tecnologias, proporciona-nos novas experiências, pois a rede multimídia, hipertextual e interativa fragmenta ainda mais o conteúdo e dilacera a nossa concentração (p. 130).

A análise dos livros eletrônicos no sexto capítulo aprofunda ainda mais a discussão sobre a maneira como passamos a ler na atualidade e sobre as mudanças que o estilo de leitura tem no estilo de escrita. No sétimo capítulo, o autor volta à narrativa em primeira pessoa para reafirmar a preocupação com o excesso de atenção exigida pela rede quando estamos conectados e para aprofundar a análise das consequências neurológicas das atividades on-line. É importante ressaltar que as informações reunidas por Carr nesta parte do livro nos fornece material para reflexões que vão além dos posicionamentos identificados em sua obra.

A terceira digressão reforça ainda mais as desvantagens do uso contínuo dos meios digitais na internet (por meio da crítica ao efeito Flynn, que defende o aumento contínuo do QI mundial nas últimas décadas) e prepara o leitor para o oitavo capítulo⁴, que aponta a Google como um importante responsável pelas mudanças vividas na sociedade contemporânea.

O nono capítulo é dedicado à investigação sobre como a escrita e o acesso às bases de dados fornecidas pelos computadores impacta a memória. Como os dois tipos de memórias, de curto e longo prazo, acarretam processos biológicos distintos, hoje é possível mapear, pelas mudanças sinápticas, pelos sinais e alterações químicas e genéticas, as características de cada uma e as relações que estabelecem com os estímulos ambientais, como na aprendizagem. Por meio de dados de pesquisa, Carr afirma que a internet “coloca *mais pressão* sobre a nossa

³ Primeiro amplificador eletrônico de sons, criado em 1906.

⁴ Intitulado “A igreja da Google”, recupera o artigo publicado em 2008.

memória de trabalho, não somente desviando recursos das nossas faculdades de raciocínio mais elevado, mas também obstruindo a consolidação de memórias de longo prazo e o desenvolvimento de esquemas” (p. 263).

Após uma breve digressão sobre a escrita do livro, no décimo capítulo, Carr explicita os resultados da interação de ELIZA (programa de computador criado por Weizenbaum na década de 60) com seres humanos e reafirma as estreitas ligações que formamos com nossas ferramentas. A partir desse momento, Carr expõe sua preocupação quanto ao fato de estarmos sendo moldados pelo nosso novo ambiente de informação, uma vez que “nossa adaptabilidade mental, baseada nas estruturas mais profundas do nosso cérebro, é um elemento central da nossa história intelectual” (p. 300).

Além de estimular debates acirrados, a obra tem recebido críticas no sentido de não apresentar orientações ou soluções para os problemas apontados. Contudo, entendemos que esse fato estimula os leitores a elaborarem suas próprias reflexões, considerando o conjunto de elementos reunidos nela.